

Ordem do Dia

Rubem Braga

DN abril
1969

DIZ um homem que vai viajar — e então já não é o mesmo. Pois aqui está João, o nosso amigo João, que vemos todo dia, com quem discutimos hoje, amanhã jantamos, depois de amanhã bebemos, ou pedimos 200 cruzeiros emprestados, ou enganamos, ou ele nos engana, ou ouvimos anedotas, ou nos chateamos — e de repente João diz que vai-se embora e eis que é outro João. Ali está a sua cara, a cara que estamos enjoados de ver, a sua cara de sempre; mas agora há, entre essa cara e nossos olhos, o prestígio azul da futura ausência.

E o presente João desde logo morre; existe agora o futuro ausente João. E um outro João, mais relicado, vagamente falecido, um João que já não é o que é, mas o que vai deixar de ser. Isso acontece com João. Que dizer quando isso acontece com Joana?

Ah, Joana. Aqui está Joana: olho os seus olhos, pego as suas mãos, meus dedos brincam com seus dedos. Aqui está Joana, calada, íntima, a doce Joana, a minha Joana. Minha não mais. Joana vai viajar, Joana parada em nossa frente já está, na verdade, viajando, seus cabelos sentem docemente a brisa da distância, sua voz dizendo a coisa mais banal parece dar um recado para sempre. Já não há mais fatos com Joana: este beijo não é mais um beijo, é a futura lembrança de um beijo. Estamos cheios de uma terrível e inconsciente responsabilidade embrulhada em tristeza. E estamos ansiosos. Um tango velho e malcriado dizia: "Que te vas? Que te vayas bien!" E sem querer, pelo simples fato de que Joana vai-se embora, sabendo que vamos roer as maiores saudades de Joana, passamos a querer que Joana se vá logo Joana, a desejada, patria de nosso desejo, é desde logo Joana, a indesejável.

E então acontece a tragédia: Joana ou João anuncia que não vai mais, a viagem fracassou, por este ou por aquilo. Olhamos decepcionados o falso futuro ausente; já lhe tínhamos preparado, dentro da alma, o competente funeral: e ali está o morto ou a morta. Ali está Joana viva e costumeira, sem o prestígio azul, ocupada indebitamente de nossas saudades antecipadas. Temos que desarrumar a alma toda outra vez, pôr novamente tudo nos lugares, cobramos a João aqueles 50 cruzeiros que ele ia viajar sem nos pagar e jamais lembrá-riamos, ou tornamos sem efeito o perdão que havíamos tacitamente concedido a Joana por não haver telefonado como prometera naquela tarde de sábado.

Pascoal Carlos Magno despediu-se de todo mundo na Inglaterra, ganhou almoços e banquetes, foi convidado para isso e para aquilo, todo mundo adorava o Pascoal, que saudade vamos ter do Pascoal diziam um para os outros os lords e as ladies, lá se vai o Pascoal, precisamos nos despedir do Pascoal, que pena o Pascoal ir-se embora! Mas a Inglaterra trancou as portas; não sai nem entra ninguém. E Pascoal Carlos Magno é hoje certamente o homem mais odiado do mundo diplomático de Londres: é o defunto que recebeu as lágrimas os telegramas e as cartas e, à última hora, anunciou que por motivo de força maior deixava de falecer. O indesejável Pascoal! Como é chato o Pascoal!